

Imaginação e burocratização das relações: apontamentos a partir da obra “O Pequeno Príncipe”

Imagination and bureaucratization of relationships: observations based on *The Little Prince*.

Alvaro Marcel Palomo ALVES*

Resumo: O estudo pretende realizar uma aproximação entre literatura infantil e psicologia social a partir da análise da obra *O Pequeno Príncipe*. Busca-se atingir dois objetivos: a) relacionar o desenvolvimento da imaginação ao do pensamento à luz dos trabalhos de Vygotsky e b) discutir o tema da burocratização das relações, conforme desenvolvido por Rubem Alves. A obra será tomada como norteadora da discussão, com seu personagem principal – Pequeno Príncipe – sendo o veículo principal dessa. O tratamento do material seguirá na forma de uma análise de conteúdo, proposta por Bardin (1979), com as seguintes categorias: 1) Imaginação, Pensamento e Criatividade; 2) Imaginação e Burocratização das Relações.

Palavras-chave: Psicologia Social. Relações Interpessoais. Imaginação. Literatura Infantil.

Abstract: This article aims at establishing an approach between children’s literature and social psychology based on the analysis of the book *The Little Prince*. Two objectives will be pursued: a) relating the development of the imagination to the development of thinking under the light of Vygotsky’s work and b) analyzing the theme of the bureaucratization of relationships, as examined by Rubem Alves. The book will guide the analysis via its main character – the Small Prince -, which will serve as its main vehicle. Content analysis will be used to deal with the material, as proposed by Bardin (1979), under the following categories: 1) Imagination, Thought and Creativity; 2) Imagination and Bureaucratization of Relationships.

Keywords: Social Psychology. Imagination. Children’s Literature.

Recebido em: 16/10/2009. Aceito em: 20/04/2010.

* Mestre em Psicologia da Infância e da Adolescência (UFPR), Doutorando em Psicologia e Sociedade (UNESP), Professor assistente da UNICENTRO (PR). E-mail: ampalves@hotmail.com.

1 Introdução

O presente trabalho busca uma aproximação entre literatura infantil e psicologia infantil, mediante o estudo da imaginação, ressaltando os trabalhos de Lev S. Vygotsky e Rubem Alves sobre o tema. A escolha da obra *O Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry (1900-1944) se deve por esta ter se tornado um clássico na literatura infantil, sendo traduzida para oitenta idiomas (WEBSTER, 1994) e obtido o reconhecimento de vários estudiosos da área literária. (MEIRELLES, 1980, HELD, 1980).

O estudo parte de uma revisão literária acerca do tema imaginação nas obras de Alves e Vygotsky, buscando aproximar alguns pontos expostos pelos autores e a relação que ambos estabelecem entre a imaginação, enquanto função importantíssima na construção da realidade pela criança, e a criatividade, que no caso de Alves configura-se como uma reação ao que ele chama de “burocratização das relações.” (ALVES, 1987).

A utilização de uma obra literária para análise de fenômenos humanos não é recente; autores como Freud (1995) e Vygotsky (1984; 1999) já a realizaram. Essa escolha se deve aos múltiplos planos de análise possíveis na obra de arte, que emprega diversas funções psicológicas para uma mesma finalidade – daí sua importância para a ciência psicológica. Sobre esses planos de análise, Eco (2001, p. 13) ressalta:

A leitura das obras literárias obriga a um exercício de fidelidade e de respeito dentro da liberdade de interpretação [...] as obras literárias convidam a uma liberdade de interpretação porque propõe um discurso com muitos planos de leitura, defrontando-nos com a ambigüidade da linguagem e da vida.

Mas, para atingir o real significado do que diz o eminente semiólogo italiano, é preciso que haja pela obra analisada “o respeito por aquilo que chamo a intenção do texto”. (Ibidem). Pois é neste terreno que o presente estudo será conduzido, o de buscar compreender a função do texto – a relação com a imaginação da criança – sem perder de vista o respeito pela obra.

Nos dizeres de Rosenfeld (1976, p. 53):

A obra de arte literária é a organização verbal significativa da experiência interna e externa, ampliada e enriquecida pela imaginação e por ela manipulada para sugerir as virtualidades desta experiência.

A imaginação se configura como um importante sistema no desenvolvimento da criança, encontrando-se fortemente ligada à função da linguagem. Para Vygotsky (1998, p. 127) “a imaginação deve ser considerada como a união real de várias funções em suas peculiares relações”. Para o autor, a linguagem está a serviço da imaginação porque libera a criança das impressões imediatas, dos dados coletados única e exclusivamente pelos sentidos, podendo a criança representar mentalmente um objeto que não está a seu alcance imediato.

Vygotsky faz questão de não situar a imaginação num plano idealista, facilmente aceito por muitos estudiosos, mas sim de situá-la no campo do possível, da mediação simbólica que atravessa a construção de todo indivíduo. Sobre a relação da imaginação com a realidade material, nos diz: “As possibilidades de agir com liberdade, que surgem na consciência do homem, estão intimamente ligadas à imaginação [...]” (Ibidem, p. 130).

O Pequeno Príncipe (2002), como clássico literário, situa o leitor num espaço de modelo de verdade, ainda que imaginário. Sua força reside numa espécie de imperativo imaginativo, onde por exemplo, um desenho de carneiro ganha o status de um carneiro de carne e osso. Nesse momento, entra em ação uma função da imaginação descrita por Alves (1987, p. 37), a de que “o lúdico cria uma ordem a partir da imaginação, livre, tornando o impossível, possível”.

Alves (1987) inscreve “O Pequeno Príncipe” num espaço de reação à burocratização das relações, analisando a força poética do texto e sua função ética e política. O autor vislumbrará nas passagens que o Pequeno Príncipe se encontra com o Homem de Negócios e com o Vendedor de Pílulas, verdadeiros aforismos éticos.

A luta entre a quantidade e a qualidade, é nesse palco que Alves situa o imperativo do Pequeno Príncipe e a função da imaginação na vida de crianças e adultos. Tese semelhante é

discutida por Held (1980), para quem a imaginação manifestada na infância torna-se um refúgio contra as pressões do mundo externo. Para essa autora, a grande regra da arte narrativa consiste em "contar o sonho como se fosse realidade e a realidade como se fosse sonho". (Ibidem, p. 27).

Para Alves (2002), as crianças, homens e mulheres são capazes de viver no mundo das coisas que não existem, é aí que se encontra o poder mágico dos livros: eles nos transportam para o mundo das coisas que não existem e nós as vivemos como se elas existissem. Essa posição não opõe real-imaginário, pois o real não deve ser entendido como uma construção contra o imaginário e nem este contra o real – razão e imaginação não se constroem uma contra a outra, mas ao contrário, uma pela outra. O encanto da literatura está nisso: "ela nos tira do mundo das coisas reais e nos faz entrar no mundo da fantasia, a literatura, assim, tem o poder mágico de abolir o espaço e o tempo. Na imaginação tudo é possível" (Ibidem, p. 2).

Outro fator ressaltado por Vygotsky é a influência das emoções sobre o pensamento realista e a imaginação. A relação entre emoção, imaginação e literatura é complexa, e não pretendemos esgotar a discussão sobre o assunto, cabendo-nos centralizá-la nos autores propostos. Para Vygotsky (1999, p. 03), a arte deve ser entendida como "a técnica social dos sentimentos" – sua função primordial seria liberar energia no sentido que descarrega seu afeto com ajuda da fantasia, transformando os sentimentos humanos. As imagens de nossa fantasia servem de expressão interna para nossos sentimentos. Para o autor, todas as formas da representação criadora encerram em si elementos afetivos.

Vygotsky atribui a criação humana ao sentimento e ao pensamento – para ele o ato intelectual e emocional são necessários para o ato criador. Comenta a "lei do signo emocional", de Ribot, em que as imagens de nossa fantasia servem de expressão interna para nossos sentimentos. Atribui, assim, uma lógica interna às obras de arte, sendo justamente essa lógica interna responsável por exercer influência na consciência social do homem. Nesse sentido, observa: "Na obra de arte, a imaginação descreve um

círculo tão cerrado como quando se materializa em um instrumento de trabalho." (VYGOTSKY, 1990, p. 27).

2 Método

2.1. Corpus

O Pequeno Príncipe trata-se de uma obra literária, uma obra de arte. Nesse sentido, será realizada uma análise de conteúdo (BARDIN, 1979), tendo como sujeito de estudo os personagens da obra, essencialmente o personagem Pequeno Príncipe. A pesquisa qualitativa na perspectiva da epistemologia qualitativa recebe uma grande contribuição dos estudos de Vygotsky. (FREITAS, 2002).

2.2 Procedimento

Em acordo com a técnica de análise de conteúdo, foram realizadas unidades de registro. Essas unidades são as unidades de significação, aquilo que será codificado, podendo ser o tema, palavra ou frase presentes no material a ser codificado, devendo seguir à leitura flutuante do material.

No caso do presente trabalho, conforme sugerido por Ferreira (2000), adotamos a obra (documento) como unidade de registro, pois se trata de uma obra onde personagem e título são os mesmos, qual seja, *O Pequeno Príncipe*. A etapa seguinte (seleção das regras de contagem), foi realizada a partir da contagem da palavra imaginação e seus derivativos presentes no livro, seguindo-se a escolha de categorias.

- Unidades de Registro: O personagem principal do livro será tomado aqui como unidade de registro, bem como os demais personagens que compõem a obra, pois a ideia central do livro presente no estudo é a importância da imaginação no desenvolvimento da criança. Durante todo o livro, em diferentes passagens, o Pequeno Príncipe se posiciona contra a falta de imaginação e emoção na vida dos adultos.

Logo no início do livro, tem-se um exercício de imaginação apresentado pelo autor. Suas memórias de infância incitam o leitor a dizer o que vê em um desenho, que para o autor deveria ser assustador (uma cobra engolindo um elefante), mas os adultos veem “um chapéu”. Ao adotar a obra como unidade de registro, somos obrigados a reportar constantemente aos diálogos do Pequeno Príncipe com os demais personagens do livro, buscando nesses diálogos a essência do texto de Saint-Exupéry.

O primeiro encontro do Pequeno Príncipe é com o narrador da história (aviador) – a partir daí, temos uma sequência de encontros “lembrados e contados” ao narrador. O Em sua viagem, o Pequeno Príncipe encontra-se com seis personagens antes de cair na Terra: o Rei, o Vaidoso, o Bêbado, o Empresário, o Acendedor de Lampiões e o Geógrafo. Já na Terra, são relatados encontros com mais oito personagens. A seguir, apresentamos os personagens tomados como unidades a serem codificadas.

a) O Rei: O Rei, como os demais habitantes dos planetas visitados pelo Pequeno Príncipe é um homem solitário. Sem ter com quem dialogar e trocar experiências, vê seu planeta como uma extensão de si; sem imaginação para criar, repete sucessivamente as falas do Pequeno Príncipe: “majestade, posso sentar-me?”, interroga o Pequeno Príncipe. “Eu ordeno que se sente”, responde o Rei.

b) O Vaidoso: Com o Vaidoso, o Pequeno Príncipe “joga” um pouco. Este habitante, também sem ninguém para compartilhar sua vida, pede ao Pequeno Príncipe que bata as mãos. Quando ele o faz, o Vaidoso ergue seu chapéu. Após cinco minutos, o Pequeno Príncipe se cansa da monotonia do jogo.

c) O Bêbado: Esta visita deixa o Pequeno Príncipe mergulhado em profunda tristeza. Quando ele pergunta ao Bêbado porque ele bebe, este lhe responde que é para esquecer que tem vergonha de beber.

d) O Empresário: Nesta visita, o Pequeno Príncipe encontra um homem dominado

pelos números, “sou um sujeito sério, não me ocupo com futilidades”, diz ao Pequeno Príncipe. Este sujeito não tem tempo para passear (por isso sofre de reumatismo), para conversar ou se preocupar com algo que não seja ele mesmo. Conta as estrelas e se julga dono delas. “É preciso ser útil ao que se possui [...] você não é útil para as estrelas”, diz-lhe o Pequeno Príncipe.

e) O Acendedor de Lampiões: O Pequeno Príncipe acha tolo o trabalho do Acendedor de Lampiões, porém, acha-o menos tolo que os anteriores, pois seu trabalho tem um sentido e é belo – e, sendo belo, tem sua utilidade (acredita o Pequeno Príncipe). Acha também estafante o trabalho deste homem, além de repetitivo, e ele tampouco não possui condições de criar, pois está tomado pela repetição. “Era o único que poderia fazer amizade, mas seu planeta é pequeno demais para dois.” (SAINT-EXUPÉRY, p.52).

f) O Geógrafo: Neste encontro, o Pequeno Príncipe fica ávido para conhecer as anotações do Geógrafo e descobrir onde se situam vulcões e oceanos, mas o Geógrafo não sabe, ele apenas anota as passagens e memórias dos exploradores que o visitam. O Pequeno Príncipe não gosta do fato de ele não anotar as flores em seus livros, por serem efêmeras, mas acaba concordando com as palavras do Geógrafo. Pede sugestão de planetas a visitar e o homem sugere a Terra, partindo o Pequeno Príncipe em seguida.

g) Descrição da Terra pelo aviador/narrador: “Quando a gente quer fazer graça, às vezes mente um pouco.” (SAINT-EXUPÉRY, 2002.p.59). A Terra é descrita como um lugar habitado por vaidosos, reis, negociantes, beberrões e geógrafos, além de um exército de acendedores de lampiões antes da invenção da eletricidade.

h) Encontro com a Serpente: A Serpente descreve a Terra como sendo grande,

e quando o Pequeno Príncipe pergunta sobre os homens (alegando solidão no deserto), a Serpente responde que entre os homens a gente também se sente só. Ao ser questionada pelo Pequeno Príncipe sobre sua força e poder, ela responde que pode levá-lo mais longe do que qualquer navio: "aquele que eu toco, eu devolvo à terra de onde veio." (SAINT-EXUPÉRY, 2002, p.60). Por fim, oferece sua ajuda, caso um dia o Pequeno Príncipe sinta saudades de seu planeta. Ela fala por enigmas e resolve todos eles.

i) Flor do Deserto: "Os homens não tem raízes, não gostam das raízes." (op. Cit, p.62).

j) Em cima da montanha: Conversa com o eco e termina por dizer: "que planeta engraçado, é completamente seco e os homens não tem imaginação." (SAINT-EXUPÉRY, 2002, p.64).

l) As Rosas do Jardim: O Pequeno Príncipe se sente infeliz ao descobrir que sua rosa não é a única no mundo. "E deitado na relva ele chorou..." (op cit, p.66).

m) A Raposa: Pequeno Príncipe quer brincar, pois está triste, mas a Raposa não pode, pois ele ainda não a cativou. Cativar é "criar laços [...] e tu és eternamente responsável pelo que cativas". (SAINT-EXUPÉRY, 2002, p.67). As coisas cativadas deixam de ser comuns e passam a ser únicas na vida de alguém. "Se tu me cativas, minha vida será como cheia de sol". (op. Cit, p.67). O segredo da raposa é: "Só se vê bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos." (op. Cit, p.72).

n) O Manobreiro: Os homens não sabem para onde vão e nem o que procuram, "nunca estamos contentes onde estamos". (op. Cit, p.75). "Só as crianças sabem o que procuram" (p.75), diz o Pequeno Príncipe. "Elas são felizes", diz o manobreiro.

o) O Vendedor de Pílulas: Vende pílulas para saciar a sede, pois acredita que economizando no tempo os homens podem gastá-lo com coisas mais úteis. O Pequeno Príncipe resolve a questão: "se tivesse 53 minutos, iria caminhando calmamente em direção a uma fonte, beber água". (op. cit, p.76).

- A seleção de regras de contagem: Conforme dito anteriormente, as regras de contagem obedecerão ao aparecimento da palavra imaginação e seus derivativos no texto. Esse procedimento, mais adequado a comunicações do tipo entrevista, pode parecer redundante em relação aos objetivos traçados, contudo, daremos a ele um sentido qualitativo. A palavra "imaginação" surge no texto uma vez, na página 64; a variação "imaginem", duas vezes, nas páginas 11 e 16; "imagino" aparece na página 26; e "imaginam-se" na página 59. Como o texto foi adotado como unidade de registro, representado pelo personagem principal, o surgimento da palavra imaginação e seus derivativos se deu como uma expressão do caráter e personalidade da personagem. Cada diálogo demonstrado na seção anterior teve como objetivo dar subsídios materiais para as hipóteses de nosso trabalho: entender o texto de Saint-Exupéry como uma contribuição ao estudo da imaginação na criança e demonstrar como essa pode se tornar uma reação à burocratização das relações. Nesse sentido, o caráter quantitativo perde força em relação ao qualitativo, entender quantas vezes surge a palavra imaginação no livro é menos importante do que compreendermos "como" essa palavra se aloja e se apropria da personalidade de seus personagens.

- A escolha de categorias de análise: A categoria, segundo Ferreira (2000, p. 15), "é uma forma geral de conceito, uma forma de pensamento". Configuram-se como reflexos da realidade, sendo grupos de elementos em razão de características comuns.

Adotaremos duas classes de categorias: a primeira sendo Imaginação, Pensamento e Criatividade; e a segunda Imaginação e Burocratização das Relações. Essa divisão faz-se necessária mediante os polos teóricos adotados para a interpretação do material, quais sejam, as contribuições de Vygotsky e Rubem Alves, respectivamente. Adotaremos o critério semântico, por organizar-se através de temas, sendo mais útil aos objetivos do estudo.

1. Imaginação, Pensamento, Criatividade:

- a) O desenho de cobra engolindo um elefante;
- b) As ordens do Rei;
- c) Pensamento matemático do Empresário;
- d) Beleza do trabalho do Acendedor de Lampiões;
- e) Falta de experiência de vida do Geógrafo;
- f) Descrição da Terra pelo narrador (mentira x verdade);
- g) Pequeno Príncipe falar com animais (serpente e raposa);
- h) A Terra como um mundo seco e os homens sem imaginação;
- i) Manobreiro: “saber o que procura”, a infância sabe;
- j) Vendedor de pílulas: racionalidade e praticidade.

2. Imaginação e Burocratização das Relações

- a) Bloqueio da criatividade quando o narrador tinha seis anos de idade;
- b) A falta de súditos torna o Rei repetitivo e monótono;
- c) Vaidoso torna o “jogo” monótono, fazendo o Pequeno Príncipe se cansar;
- d) Bebida como forma de “derivativo” contra as frustrações da vida;
- e) O que o empresário chama de “futilidades”: prazeres da vida. Seu reumatismo;
- f) Repetição do trabalho do Acendedor de Lampiões. Utilidade ligada ao conceito de *belo*: “era o único que poderia fazer amizade, mas seu planeta é pequeno demais

para dois” (2002, p.52), diz o Pequeno Príncipe;

g) Geógrafo não se preocupa com coisas efêmeras, seu conhecimento é teórico, ele não experimenta sair de sua mesa, mal sabendo andar em seu planeta;

h) Descrição da Terra pelo narrador: mundo dominado pelos personagens que se encontraram com o Pequeno Príncipe (reis, beberrões, geógrafos, acendedores de lampiões, negociantes);

i) Serpente afirma que o homem é só na presença de outros homens. Ela é capaz de levar os homens à terra de onde vieram;

j) Flor do deserto: “os homens não tem raízes, não gostam das raízes.” (SAINT-EXUPÉRY,2002, p.62);

k) Ouvindo a própria voz em cima do morro, o Pequeno Príncipe conclui: “que planeta engraçado, é completamente seco, pontudo e salgado... e os homens não tem imaginação, repetem o que a gente diz.” (op. Cit, p.64);

l) Encontro com outras rosas no jardim: o Pequeno Príncipe fica surpreso com o fato de sua rosa não ser a única no mundo. “E deitado na relva ele chorou.” (op. Cit, p.65);

m) Encontro com a raposa: “o essencial é invisível aos olhos, só se vê bem com o coração [...] cativar é criar laços e tu és eternamente responsável pelo que cativas.” (op cit, p. 66-67). As coisas cativadas tornam-se únicas na vida de quem se deixou tocar por elas. A raposa diz que os homens se esqueceram do valor da amizade.

n) Encontro com o Manobreiro. Este diz que os homens nunca estão contentes onde estão e que somente as crianças são felizes, pois sabem o que procuram.

o) No diálogo com o Vendedor de Pílulas, o Pequeno Príncipe questiona o que é útil afinal? Uma pílula que mate a sede, ou ir caminhando até uma fonte?

3 Resultados e discussão

Para Ferreira (2000), a mensagem é o ponto de partida de qualquer análise. Na análise da mensagem, é possível estudar o continente ou o

conteúdo, ou os significantes e significados, ou o código ou a significação. O emissor da mensagem, no caso do Pequeno Príncipe, é o próprio Saint-Exupéry, baseando-se no nosso diálogo, em última instância, em sua personalidade transformada em arte.

Mediante o tratamento do texto na sua relação com a imaginação, o caráter biográfico de *O Pequeno Príncipe* não será fator primordial no presente estudo, como ocorre em outras análises da obra.¹

O caráter e a força com que *O Pequeno Príncipe* atingiu a puericultura ocidental (sendo inclusive transformado em filme e desenho animado) podem ser compreendidos através da análise de Eco (2001, p. 13) acerca de alguns personagens da literatura universal: "Mas certos personagens literários, não todos, acabam saindo do texto em que nasceram e migrando para uma região do universo muito difícil de delimitar."

Essa migração do personagem literário a que se refere Eco se aloja e é mantida por um poder imaterial. Poder que confirma o mundo da literatura como "inspirador da fé na existência de certas proposições que não podem ser postas em dúvida, como que ele oferece um modelo de verdade, ainda que imaginário". (Ibidem). É nesse ponto que a imaginação se torna um exercício necessário no desenvolvimento da criança.

Este investimento afetivo do qual nos fala Eco permeará a interpretação das categorias determinadas na seção anterior.

3.1 Imaginação, Pensamento e Criatividade

Rodari (1980, p. 92), em um dos capítulos de seu livro *Gramática da fantasia* escreve: "é preciso imaginação para mudar o mundo, isso só se faz através de homens criativos." É impossível discutir o tema imaginação sem se ater ao tema da criatividade. A atividade de criar está presente em qualquer ser humano, não sendo dádiva ou privilégio de poucos artistas.

A primeira unidade dessa categoria é o desenho da cobra engolindo um elefante, apre-

sentado pelo narrador logo no início do livro. O narrador, então com seis anos de idade, exercita sua imaginação e criatividade, quando é desencorajado pelos adultos, que acreditam ser melhor ele se preocupar com Matemática, Geografia, História e Gramática. Após essa experiência, o narrador completa: "Foi assim que abandonei aos seis anos, uma promissora carreira de pintor." (SAINT-EXUPÉRY, 2002, p.10).

O Pequeno Príncipe é uma obra de arte, arte literária que é fruto de uma imaginação, a de seu autor: Saint-Exupéry. Seus motivos são ao mesmo tempo lógicos e emocionais, a função imaginativa depende da experiência, das necessidades e dos interesses em que ela se apresenta. Para Vygotsky (1990), existem dois tipos de impulsos na conduta: a) os reprodutores e b) os combinadores ou criadores.

Os impulsos reprodutores estão fortemente ligados a nossa memória – sua essência está em que o homem reproduz ou repete normas de conduta. Já na função combinadora ou criadora, o cérebro não se limita a conservar e reproduzir nossas experiências passadas, mas se dedica também a combinar, criar, sendo capaz de reelaborar e criar com elementos de nossa experiência passada. Para Vygotsky (Ibidem), toda criação humana foi experimentada antes na imaginação.

Podemos nos perguntar: os diálogos descritos durante a viagem do Pequeno Príncipe foram reais ou imaginários? A concretude da fábula para Vygotsky (1999) deve ser entendida de forma diferente do conceito habitual de realidade: "Trata-se de uma realidade especial, puramente convencional, por assim dizer, da realidade da alucinação voluntária na qual o leitor se coloca." (Ibidem, p.139).

Held (1980, p. 40) comenta esse tipo de atitude em relação à criatividade infantil, que, passando por um período de animismo, é entendida pelo adulto como efêmera, ou coisa não séria: "Se não há por parte do meio ambiente, censura, atitude de reprovação ou de zombaria que terminam num bloqueio, essa personificação-projeção vai persistir além dos seis anos e alimentar as criações da criança [...]"

Vygotsky dedicou parte de seu trabalho à educação estética das crianças. Julgava de suma

¹ Cf. obra de Webster (1994), onde o autor traça uma biografia de Saint-Exupéry a partir de suas obras literárias.

importância conhecermos os mecanismos pelos quais a imaginação se desenvolve, uma vez que estimulá-la seria um dos papéis da educação. O que a passagem do Pequeno Príncipe aponta, é que o fantástico só pode existir em relação a uma realidade histórico-cultural. A imaginação e seus produtos fantásticos se alimentam do cotidiano, da vida de seu autor. Vygotsky (1990) diz que combinar o antigo e o novo está na base da criação e que a vinculação da fantasia com a realidade se dá em níveis.

Os primeiros pontos de apoio de uma criança para sua atividade imaginativa são seus sentidos. O que ela vê, ouve, toca, se acumula na forma de materiais que usará para construir sua fantasia – a fonte de toda ação criadora são os desejos, a inadaptação humana ao meio.

Seguindo as passagens da obra agrupadas nesta categoria, temos as “ordens do Rei” e “o pensamento lógico/racional do Empresário”. Nessas passagens, vemos o Pequeno Príncipe preocupado com a forma como os personagens levam suas vidas: o Rei, sem ter quem governar, diz que “é importante exigir de cada um o que cada um pode dar” (SAINT-EXUPÉRY, 2002, p.40) e o Homem de Negócios, sem ter o que negociar, diz ao Pequeno Príncipe que é dono das estrelas. Num primeiro momento, as ações desses personagens podem ser atribuídas a falta de imaginação e concomitante repetição e monotonia de suas vidas, mas Vygotsky (1990, p. 11) lembra que a imaginação está presente também no homem do povo, nas coisas simples da vida. A vida que nos rodeia possui todas as premissas necessárias para o ato criador, “tudo que excede a rotina, encerrando uma mínima parte de novidade tem sua origem no processo criador do ser humano”. A chegada do Pequeno Príncipe nos planetas do Rei e do Empresário possibilitou a esses uma certa experiência de criatividade, mesmo sem terem se apropriado disso.

Com o Acendedor de Lâmpioes, o Pequeno Príncipe diz que poderia ter feito amizade, acha seu trabalho tolo, mas menos tolo que os anteriores por ser belo – e, portanto, tem o seu valor. Krüs (apud HELD, 1980), escreve que uma história não tem necessidade de ser verdadeira, mas de ser bela. O Pequeno Príncipe, na tentativa de ajudar o Acendedor de Lâmpioes, que

se encontra cansado de seu trabalho, repetitivo e monótono, sugere que ele ande pelo planeta quando quiser descansar, assim o dia duraria o tempo que desejasse. O Acendedor não acata a sugestão, dizendo que o que mais gostava era de dormir. Aqui, notamos a preocupação do Pequeno Príncipe com a falta de sentido e emoção na vida das pessoas, pois mesmo acreditando ser tolo o trabalho do Acendedor ele diz: “Quando acende o lâmpião é como se fizesse nascer mais uma estrela, ou uma flor, quando o apaga, porém, faz adormecer a estrela ou a flor.” (SAINT-EXUPÉRY, 2002, p.49).

O encontro com o Geógrafo é marcado pela curiosidade do Pequeno Príncipe em descobrir vulcões e oceanos, tendo sempre como resposta uma negativa desse, que possui das coisas apenas um conhecimento teórico, dependendo das informações que exploradores lhe repassam. Nessa passagem, vemos um caráter assinalado por Vygotsky (1999, p. 131), o do aspecto moral da fábula: “o fato de que os mais contraditórios elementos servem de base à fábula, é o que constitui a verdadeira natureza da fábula.” Contradição identificada na atitude de um geógrafo que não conhece a localização de fenômenos geográficos como vulcões e oceanos. A moral presente nessa passagem, o fato de o geógrafo ter um conhecimento apenas teórico da vida, poderia ser totalmente outra se analisada por uma criança ou qualquer outro adulto, não havendo uma linearidade entre moral e narrativa. A fábula pode contar uma ou mais situações morais, aplicáveis a casos inteiramente diversos, “ela possui suas próprias leis, pelas quais ela se orienta, sem levar em conta as leis da moral”. (Ibidem, p.133).

A passagem em que o narrador descreve a Terra, “Quando a gente quer fazer graça, às vezes mente um pouco” (SAINT-EXUPÉRY, 2002, p.59), na qual ela é apresentada como um local habitado por vaidosos, reis, negociantes, beberrões e geógrafos, além de um exército de acendedores de lâmpioes antes da invenção da eletricidade, e a passagem do Pequeno Príncipe dizendo que a Terra é um planeta seco e onde as pessoas não tem imaginação, convergem para um aspecto semelhante: o papel da imaginação na vida cotidiana. Essa, aliás, conforme assinala

Webster (1994), parece ser a grande intenção da fábula de Saint-Exupéry (presente em pelo menos outras duas obras suas: *Cidadela* e *Terra dos Homens*).

Por último, o Manobreiro e o Vendedor de Pílulas, duas profissões muito comuns na época de Saint-Exupéry. Aqui se pode notar uma característica importante da obra de arte, assinalada por Vygotsky (1990, p. 37), a de que todo produtor/inventor, por mais genial que seja, é produto de sua época e de seu ambiente: "por mais individual que pareça, toda criação encerra sempre em si um coeficiente social." Seguindo a linha de raciocínio do psicólogo russo, a construção fantástica parte imediatamente da realidade e influi diretamente sobre ela, não de fora, mas de dentro, nos pensamentos e sentimentos do homem. Daí o Pequeno Príncipe afirmar ao Manobreiro que somente as crianças sabem o que procuram – elas se encontram mais próximas de suas fantasias, haja vista não terem se tornado adultas e "sem imaginação", como aponta o personagem.

3.2 Imaginação e Burocratização das Relações

Para Alves (1987), *O Pequeno Príncipe* é uma obra que enquadra o lúdico, associado à imaginação, como um posicionamento ético e político contra a burocratização das relações. A burocratização das relações consiste na quantificação presente nas relações entre as pessoas, quantificação essa oriunda da alienação presente nas relações permeadas pelo fetiche das mercadorias. Argumentando sua posição, Alves (Ibidem, p. 65) cita Marx: "A desvalorização do mundo humano aumenta na razão direta do aumento do valor do mundo das coisas", completando com a sentença: "o mundo sem imaginação seria o tédio permanente.". Para o autor, as emoções nascem da particularidade de nossa situação, uma imagem isolada pode ser capaz de tocar os cenários de nosso mundo interior. Alves acredita que a imaginação é nosso espelho, por isso não deve ser abandonada, ela deve se tornar uma força capaz de mudar nossa relação com a realidade: "novas orientações sobre velhas proposições, nisso consiste o ato criador." (ALVES, 1987, p. 38).

A primeira unidade de registro agrupada nesta categoria foi o desenho do narrador quando tinha seis anos de idade. A reação dos adultos às suas tentativas artísticas vem ao encontro do que Alves (Ibidem) chama de castração da educação, aqui tomando emprestado o termo freudiano, dando-lhe o sentido de interrupção no desenvolvimento da imaginação na criança. Essa função "castradora" da educação é eficiente no longo prazo, pois o controle da imaginação é mais efetivo do que o uso da violência, devendo a imaginação sucumbir ao controle da organização.

O encontro do Pequeno Príncipe com o Rei e com o Vaidoso são exemplos do tédio que se tornaria a vida sem imaginação. O Vaidoso, ao solicitar ao Pequeno Príncipe que bata palmas, desejando ser apreciado, torna o jogo monótono, fazendo com que o Pequeno Príncipe vá embora. Já o Rei representa muito bem a frase de Kierkegaard (apud ALVES, 1987): "a verdade da gente não mora naquilo que é dito, mas no como se diz." O Rei, ao dizer ao Pequeno Príncipe que "devemos exigir de cada um o que cada um pode nos dar" (SAINT-EXUPÉRY, 2002, p.40), lhe diz que não sabe o que esperar das pessoas, embora isso seja apenas uma fuga para não que ele não enxergue que mora sozinho no seu planeta, uma metáfora da solidão humana usada por Saint-Exupéry.

No encontro com o Bêbado, o Pequeno Príncipe se sente triste, afirmando que achava as pessoas grandes esquisitas. Saint-Exupéry escreveu o Pequeno Príncipe em tempos de guerra, mais exatamente no ano de 1942, durante um período em que permaneceu hospitalizado. O sentido para a vida, que se resume na viagem do Pequeno Príncipe através dos mundos, é entendido por Alves (1987) como a busca por um lugar no mundo, lugar cada vez mais difícil de ser localizado em meio à cultura de massa. A bebida – assim como as demais drogas, lícitas ou não – tem a função de ser um refúgio ante as pressões da realidade. A emoção que embasa os laços de amizade é primordial para a sobrevivência da humanidade, escreve Alves (Ibidem). Para ele, o mundo humano é o resultado de atos criativos, sendo a imaginação seu pré-requisito.

O encontro com o Empresário, juntamente com a Raposa, é o que mais nos possibilita uma aproximação com o texto de Alves (Ibidem). O Empresário diz que as coisas valorizadas pelo Pequeno Príncipe são futilidades, e que ele, por ser um homem sério, não tinha tempo para se ocupar com tais coisas. Para Alves (1987), é possível controlar a imaginação quando se apregoa um futuro baseado nas condições do presente, fazendo-se o homem “amar o futuro que lhe está sendo destinado”. (Ibidem, p. 45). O princípio para esse controle está na criação de necessidades (mercadorias), que alimentem o desejo humano, sem fazê-lo transcender. As “futilidades” a que se refere o empresário poderiam tê-lo salvo, chegando ele a contrair um reumatismo por jamais se levantar e dar uma caminhada, configurando o que Alves (Ibidem, p. 47) chama de “segundo princípio de controle da imaginação: não deve haver prazer livre ou gratuito”. Ele se relacionava com números, típico exemplo de uma relação burocratizada.

O Acendedor de Lampiões encontra-se preso a uma rotina, a de acender e apagar os lampiões constantemente, determinando o início do dia e da noite. Além do caráter animista dessa atividade (acreditava que realmente pudesse determinar os dias e noites a partir dela), temos um homem preso a uma atividade que o impede de criar, de ressignificar suas ações, sua vida. Mesmo assim, o Pequeno Príncipe vê nele uma possibilidade de salvação e tenta ajudá-lo com uma sugestão, não acatada pelo Acendedor. O Pequeno Príncipe diz que ele era o único até então com quem poderia fazer amizade, pois se preocupava com algo que não fosse si mesmo, mas seu planeta era pequeno demais para dois. Para Alves (Ibidem), o poder cria a organização, e esse, a política. O Acendedor de Lampiões estava impossibilitado de ver a beleza de seu trabalho, pois na alienação o trabalhador não vê o produto do mesmo, graças à divisão social do trabalho.

O Geógrafo vive uma condição semelhante à exposta no parágrafo anterior. Enclausurado em seu planeta, preso à rotina de coletar dados de exploradores e viajantes, não conhece seu próprio planeta, ou seja, se entendermos a imaginação como o faz Alves (Ibidem), “como maneiras diferentes de se pensar”, o Geógrafo

não conseguia sequer imaginar o que se passava consigo mesmo. Metaforicamente transposto por Saint-Exupéry para seu planeta, incapaz de criar, ele sucumbe à norma de sua profissão. Diz não anotar as flores em seu livro por se tratarem de coisas efêmeras, entendendo por efêmero aquilo “ameaçado de desaparecer brevemente” (SAINT-EXUPÉRY, 2002, p. 56). A necessidade do ato criativo está na castração que a realidade lhe impõe, o que, segundo, Alves (1987), faz dele um ato aparentemente impossível.

Não por acaso, a descrição feita pelo narrador acerca da Terra coincide com os personagens encontrados pelo Pequeno Príncipe em sua viagem. Todos os personagens encontrados pelo Pequeno Príncipe tinham uma coisa em comum: a falta de imaginação dominava suas vidas, estavam aprisionados a uma lógica narcísica e de poucas emoções, principalmente aquelas desencadeadas pelo contato com outras pessoas. Lembremos a opinião do Pequeno Príncipe acerca da Terra, quando de sua chegada:

Que planeta engraçado, é completamente seco, pontudo e salgado. E os homens não tem imaginação, repetem o que a gente diz [...] no meu planeta eu tinha uma flor; e era sempre ela quem falava primeiro. (SAINT-EXUPÉRY, 2002, p.64).

Para Alves (1987), a mensagem lúdica está na capacidade que a brincadeira tem de subverter a lógica da sociedade, não devendo ser entendida como ilusão, mas como o pré-requisito da criação, inclusive na superação do modo de produção (sonhar com um mundo melhor é a primeira forma de se chegar a ele). Nesse sentido, a imaginação assume um papel ético e político na vida dos homens, pois, como assinala também Vygotsky (1998, p. 127): “Na imaginação visionária, o pensamento se manifesta numa forma que está a serviço dos interesses emocionais.” Lembremos que Vygotsky viveu em uma sociedade pós-revolucionária.

A solidão sentida pelo Pequeno Príncipe no início de sua estada na Terra desencadeia a necessidade de ele encontrar pessoas com imaginação para conversar, ou seja, a emoção sentida por ele se torna o veículo para sua imaginação. Imaginação e Emoção se encontram

agregadas dialeticamente na obra de arte – os motivos de Saint-Exupéry são ao mesmo tempo lógicos e emocionais.

No encontro com a Serpente, o Pequeno Príncipe queixa-se, sente-se só e lhe pergunta onde estão os homens. Ela lhe responde que na presença dos homens a gente também se sente só. A Serpente assume um papel diferente do que normalmente assumem os animais nas fábulas, conforme nos lembra Vygotsky (1999). Suas características não são totalmente as que os homens esperam das serpentes, pois ela se propõe a ajudar o Pequeno Príncipe caso ele deseje retornar ao seu mundo. Aqui temos um momento delicado na narrativa, pois ao leitor já se insinua a possibilidade do suicídio como forma de lidar com as frustrações da vida. Alves (1987) assinala que a abolição da imaginação implicaria na dissolução da personalidade, tal qual a conhecemos. Webster (1994), afirma que Saint-Exupéry estava vivendo um momento delicado de sua vida, particularmente sua vida amorosa, enquanto escrevia *O Pequeno Príncipe*. Há muito se sabe que a Rosa da fábula, tratava-se de Consuelo, sua esposa, e toda a dúvida e incerteza da relação do Pequeno Príncipe com ela refletia a angústia do autor perante seu casamento.

O encontro do Pequeno Príncipe com as cinco mil rosas no jardim lhe é chocante, pois ele acreditava que sua Rosa fosse a única no mundo, tal qual ela lhe dissera: "e deitado na relva ele chorou." (SAINT-EXUPÉRY, 2002, p.66). Aqui, a imaginação do autor recorre a um recurso interessante, como nos assinala Alves (1987, p. 135): "A criatividade humana nasce de uma infinita aversão por aquilo que faz o homem sofrer. Como se pode criar se não se sabe o que é o sofrimento?"

A arte como técnica social do sentimento, eis um pressuposto de Vygotsky que se encaixa facilmente na afirmação acima, pois a metáfora utilizada por Saint-Exupéry é cara a muitos de nós, frente a um objeto de amor.

O encontro com a Raposa é a unidade de registro mais importante para esta categoria, pois sintetiza todo nosso esforço em analisar a obra perante o olhar da burocratização das relações. Logo de início, o Pequeno Príncipe pede para

a Raposa brincar com ele, alegando estar triste, mas ela não concorda, dizendo que primeiro seria preciso cativá-la. Ao perguntar o que seria cativar, o Pequeno Príncipe obtém como resposta da Raposa: "cativar é criar laços", cativar é tornar-se necessário a outrem, é se deixar humanizar pelo olhar do outro. "Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma, compram tudo já pronto nas lojas, mas não existem lojas de amigos [...] se tu queres um amigo, cativame". (SAINT-EXUPÉRY, 2002, p.69).

O Pequeno Príncipe quer brincar com a Raposa – o brincar, enquanto atividade tem fim em si mesmo, não busca outra satisfação que não seja a oriunda do ato de brincar –, mas a Raposa impõe uma condição: a de ser cativada. A imaginação e a emoção como tentativas de superar a burocratização das relações devem passar pelo lúdico, pela capacidade que todo ser humano possui de encontrar satisfação na representação de seu objeto. Segundo Alves (1987) as crianças são uma acusação viva contra a domesticação de nossa imaginação, imaginação enfeitada pela consideração de que a ação tão só se justifica por sua produção externa. A imaginação consiste, para Alves (Ibidem), em transformar suas próprias esperanças em realidade histórica, daí estar fortemente ligada à utopia; utopia essa presente no idealismo do Pequeno Príncipe, quando diz que "só as crianças sabem o que procuram, perdem tempo com uma boneca de pano e a boneca se torna muito importante". (SAINT-EXUPÉRY, 2002, p.75).

Outra mensagem essencial deixada pela Raposa é a de que "o essencial é invisível aos olhos, só se vê bem com o coração". (op. cit, p.72). Com essa mensagem, fica evidente a valorização da emoção na vida das pessoas. Imaginação e emoção são atributos invisíveis aos olhos, impossíveis de serem detectados senão por nossa intenção. O Pequeno Príncipe torna-se um "mediador semiótico", no sentido vygotkyano, da função da imaginação no desenvolvimento infantil, podendo libertá-la das impressões imediatas, fazendo novas combinações de elementos conhecidos, permeados de afeto.

Alves (1987), assim como Saint-Exupéry, acreditava numa infância reformadora, num "caráter infantil" marcado, não pelo desamparo, mas

pela criatividade transfigurada em integridade humana. Idealismo? Sem dúvida, mas um idealismo voltado para o futuro, voltado para o momento em que “a impotência se converter em poder e o que agora é poder for reduzido à impotência” (Ibidem, p. 107). *O Pequeno Príncipe* é um aviso do que pode ocorrer quando as relações humanas são reduzidas a um capital depositado, quando as relações tornam-se burocratizadas.

Para encerrar, o Vendedor de Pílulas e o Manobreiro. Esses personagens se encontram dentro do que foi discutido anteriormente: seus ofícios são regidos pela organização e pelos números, tornando-os incapazes de um ato criativo. O Vendedor tem uma postura mais rígida, semelhante à do Empresário, enquanto o Manobreiro acaba por concordar com o Pequeno Príncipe sobre a certeza das crianças a respeito do que desejam. A passagem sobre a boneca é belíssima, o lúdico tentando se infiltrar no poder da organização, da racionalidade, e é nesse plano que o Pequeno Príncipe se põe a debater com os dois personagens. Com o Vendedor de Pílulas, arremata demarcando sua posição de pre-va-lecer o aspecto qualitativo da vida, como nos diz Alves (Ibidem).

O final do livro nos oferece uma discussão ética: o que fazer diante do poder da organização, das frustrações da vida? O Pequeno Príncipe resolve voltar ao seu mundo, deixando a dúvida se morreu ou não, pois seu corpo não foi encontrado pelo avião. Saint-Exupéry foi profético, pois sua morte se deu exatamente desse modo – seu corpo jamais foi encontrado no oceano. A morte/ressurreição do Pequeno Príncipe assume um caráter de não abandono do mundo infantil, das memórias e benefícios propiciados pelo mundo imaginário. Devemos, no entanto, nos lembrarmos de que a realidade determina o que é possível, enquanto a imaginação se alimenta dos elementos fornecidos pela realidade e os transforma, sendo esta sua grande qualidade.

Conclusão

Vygotsky ressalta a obra de arte como técnica social do sentimento, apontando a dimensão sócio-histórica da mesma, pois a arte

é dependente da personalidade de seu criador, configurando-se como parte indissociável da história de seu tempo. O autor de *O Pequeno Príncipe* vive num período de guerra mundial, circunstância que pode desencadear sentimentos pessimistas em relação ao futuro da humanidade, vindo na infância uma espécie de “redenção” da humanidade. A concepção de infância pura, idílica e redentora é constantemente ressaltada na personalidade do Pequeno Príncipe. Outro contexto interessante é o do relacionamento amoroso de Saint-Exupéry com sua esposa, Consuelo. A biografia escrita por Webster (1994) aponta fortes indícios de que o casamento do autor não vinha bem, principalmente devido às infidelidades de ambos. Assim, na tentativa de resgatar sua relação com a esposa, o autor cria a personagem Rosa, e toda ambivalência do Pequeno Príncipe em relação a essa personagem remonta à vida afetiva do casal. Com esse breve comentário, não pretendemos realizar uma psicanálise de casal, mas apenas demonstrar como a obra é mediada pelas relações concretas vividas na sociedade.

Em Alves (1987) encontramos referências teóricas que aludem à imaginação como maneira de superação da racionalidade instrumental a qual somos submetidos cotidianamente. A burocratização das relações, mediada pelos aparelhos ideológicos responsáveis pela manutenção do *status quo*, envereda os sujeitos pelo caminho da repetição e do individualismo. *O Pequeno Príncipe* denuncia essa condição pelo resgate da consciência e do encontro ético-afetivo com o Outro.

A imaginação consiste numa parte da vida mental dos seres humanos importantíssima, pois sem ela não é possível construir-se a consciência ou o pensamento realista, conforme buscamos demonstrar através do pensamento de Alves (Ibidem) e Vygotsky (1990, 1998, 1999). A aproximação entre literatura infantil e psicologia social fez-se necessária devido ao caráter ambíguo e emocional da obra de arte, experiência única, onde se encontram presentes vários sistemas desempenhando diferentes funções. Vygotsky (Ibidem) e Alves (1987) valorizam essa experiência propiciada pela obra literária como formas de se pensar outros homens, outras sociedades.

Referências

- ALVES, R. **A gestão do futuro**. (João F. D. Júnior, Trad.) Campinas: Papirus, 1987.
- ALVES, R. **Estórias à beira do fogão**. Disponível em: <<http://www.rubemalves.com.br/estoriasabeira-dofogao.htm>>. Acesso em: 02 maio 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- ECO, U. A literatura contra o efêmero. **Folha de São Paulo**, Caderno MAIS! São Paulo: 18 fev. 2001.
- FERREIRA, B. W. Análise de Conteúdo. **Revista Alethéia**, n.2, v.11, p.13-20, 2000.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 116, jul. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 out. 2009. doi: 10.1590/S0100-15742002000200002.
- FREUD, S. Dostoievski e o parricídio. In: **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- HELD, J. **O Imaginário no poder**. (Carlos Rizzi, Trad). São Paulo: Summus, 1980.
- MEIRELES, C. **Problemas de literatura infantil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- RODARI, G. Imaginação, criatividade e escola. In: G. Rodari, **Gramática da Fantasia**. São Paulo: Summus, 1980.
- ROSENFELD, A. **Estrutura e problemas da obra literária**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- SAINT-EXUPÉRY, A. **O Pequeno Príncipe**. (D. Marcos Barbosa, Trad.). Rio de Janeiro: Agir, 2002.
- VYGOTSKY, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- VYGOTSKY, L. S. **La imaginación y el arte en la infancia**. Madri-Espanha: Ediciones AKAL, 1990.
- VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte**. (Paulo Bezerra, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- WEBSTER, P. **Saint-Exupéry: vida e morte do Pequeno Príncipe**. São Paulo: Marco Zero, 1994.